

O fio bordado da escrevivência: a palavra-gesto como rota de cura na obra de Conceição Evaristo

Blenda Souto Maior¹

Escrevivência: entre as gestualidades do corpo e a ancestralidade ²

Este artigo propõe apresentar investigações em processo acerca de como a Escrevivência, operador teórico e metodológico de escrita cunhado pela escrita e intelectual Conceição Evaristo, pode ser compreendido como um conhecimento que se assenta no corpo, através da gestualidade, configurando-se assim, como uma episteme inscrita por uma memória composta por movimentos do corpo que carregam ancestralidade.

Teço as investigações aqui apresentadas inicialmente buscando compreender os lugares de fundamento da escrevivência evaristiana para refletir se: poderia a escrevivência estar relacionada a uma episteme que habita o corpo? Como podemos compreender a escrevivência como uma episteme que se relaciona com o conhecimento que se inscreve no corpo e se manifesta através do gesto? Estes questionamentos mobilizam alguns pontos de reflexão sobre o lugar de encontro entre a escrita e o corpo, e que buscam ampliar os contornos das análises sobre a escrevivência.

A escrita evaristiana nasce intimamente relacionada com a vivência da autora, às suas memórias e experiências como mulher negra no tecido social brasileiro, dessa forma, o *locus* social da autoria é um fator determinante para essa produção. O fazer literário emerge como um gesto de inscrição ativa da escrita negra feminina na Literatura Brasileira, que busca deslocar imagens e representações da mulher negra, distanciando dos estereótipos e imagens de controle (COLLINS, 2019) ligados à subalternidade que há muito habitam as letras escritas e imaginários na nossa literatura, tendo como imagem de fundação a mãe preta, presente da produção evaristiana de modo a romper com o silenciamento imposto, buscando construir outras representações da mulher negra.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Diversitas - FFLCH/USP) e pesquisadora bolsista do grupo de estudos em Escrevivência, sob coordenação da Prof^a Dr^a Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, do Instituto de Estudos Avançados, da USP (IEA/USP). Email: blendasoutomaior@usp.br

² As reflexões que se seguem fazem parte da minha pesquisa de mestrado ainda não publicada, bem como, excertos do texto aqui presentes compõem o corpo da dissertação que tem como previsão de defesa o primeiro semestre de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, da FFLCH/USP, sob orientação da Prof^a Dr^a Marília Librandi Rocha.

Vou buscar no solo de fundação da escrita de Conceição Evaristo para colher os indícios de uma gestualidade presente em sua escrita. No texto “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2020), ela elabora: “Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um **gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe?** Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda?” (EVARISTO, 2020 p.49, grifos meus).

O gesto surge como elemento que nos aponta para mais uma camada a ser desvelada e que se relaciona profundamente com a memória carregada pelo corpo, com os movimentos e gestualidades, que se traduzem numa escrita não necessariamente alfabética, mas sim, uma escrita do corpo, grafadas com palavras-gestos, um saber orgânico (SANTOS, 2019, P.27) e ancestral. Gesto ancestral semelhante está presente na corporeidade da personagem Ponciá Vicêncio, protagonista do livro de mesmo nome, romance de estreia de Conceição Evaristo, publicado em 2003.

A trama fictícia, que completa vinte anos de sua primeira publicação, é um bailado de movimentos dos corpos, que transitam entre deslocamentos e permanências, entrelaçados nas malhas dos tempos e de uma colonialidade que se faz ainda presente. A narrativa é costurada e marcada por movimentos, tantos os movimentos dos corpos em deslocamento pelos territórios, entre o ambiente rural e o urbano, que nesses trânsitos, encontram-se e desencontram-se, mas também pelos territórios da memória, que são percorridos pelas lembranças da protagonista, com seus constantes movimentos de busca, desejos e anseios.

Ponciá Vicêncio é uma mulher que vive imersa nas camadas de sua memória, vivendo um processo de alheamento do tempo presente e da realidade em que vive por estar vagando num permeando um lugar entre tempos, oscilando entre lembranças e deslembranças, presença e ausência. A personagem se vê guardadora de uma herança que carrega consigo e se faz presente pela memória do corpo, que carrega em si uma ancestralidade que é traduzida nos gestos e movimentos:

Ela era pura parecença com Vô Vicêncio. Tanto o modo de andar, com o braço para trás e a mão fechada como se fosse cotó, como, ainda, as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante jovem da moça. **A neta, desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo.** (EVARISTO, 2033, p.54, grifos meus)

A repetição cíclica do gesto do avô em sua neta, representada no romance pela herança, é também, assim como a relação de Ponciá com a suas lembranças, e o estado de imersão, às vezes voltando à superfície, às vezes mergulhando em sua memória, vagando num trânsito entre tempos, um exemplo de como a escrita evaristiana se estrutura e estabelece

relações com temporalidades não lineares, que são tecidas com os fios da ancestralidade. A intelectual Leda Maria Martins elabora relações sobre a maneira como a ancestralidade se relaciona com o tempo, ela afirma que "a **ancestralidade** é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um **tempo espiralar**, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide." (MARTINS, 2021, p.63, grifos meus)

O gesto emerge como um lugar de encontro entre corpo e ancestralidade, onde os movimentos do corpo empregados nesse gestual podem ser considerados lugares de inscrição de conhecimentos. Do lugar de encontro que nasce a grafia composta pelo corpo, através dos movimentos do corpo, voz e gesto como forma de guardar e transmitir saberes, Martins nos conduz numa investigação que auxilia na reflexão da articulação entre a escrita e a oralidade, utilizando o conceito de oralitura:

Conceitual e metodologicamente, a **oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais**, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e **rasura a dicotomia entre a oralidade e a escrita**. (MARTINS, 2021, p.41, grifos meus)

Escrita e oralidade compõem os fios de uma mesma tessitura que solicita o corpo inteiro, em movimento, em sua composição, nesse sentido, a oralidade se constitui também como um dos lugares de fundação da escrita de Conceição Evaristo. Além dos movimentos do corpo e gestual, a oralidade se configura também como um dos lugares primeiros de germinação da escrita evaristiana, que em seu fazer literário, imprime uma dicção que aciona uma gramática adensada aos modos orais de contar histórias.

A escrevivência, portanto, pode ser compreendida como uma episteme que se relaciona com o corpo e seus movimentos, evocando a ancestralidade, conjurada com a memória inscrita neste corpo, configurando-se como possibilidade de criação e rearticulação dessa memória. Conceição Evaristo afirma: "A literatura negra como um espaço possível de guarda, de reconstrução e revelação dessa memória toma o corpo negro e suas linguagens [...]" (EVARISTO, 1996, p. 108), esse lugar de criação que nasce com a escrevivência e as produções que desse corpo em movimento afloram, são frutos que compõem conhecimentos articulados e transmitidos evocando outros corpos, em coletividade, requerendo gestos, sentidos e presenças. Leda Maria Martins afirma que "o que no corpo e na voz se repete também é episteme." (MARTINS, 2021, p.22 e 23), o conhecimento que se inscreve no corpo, se traduz nos gestos está profundamente relacionado à escrevivência.

Ponciá Vicêncio: desfiando os fios de um nó colonial

O deslocamento realizado por Ponciá não é apenas físico e geográfico, entre o ambiente rural da Vila Vicêncio, lugar onde nasceu e cresceu, e o ambiente urbano da cidade grande, para onde parte em busca de uma vida diferente da que vivia em sua terra de origem. A narrativa nos conduz pelos caminhos da memória da personagem. A estrutura de temporalidades não lineares composta por idas e vindas que a personagem habita, evidencia a permanência da estrutura colonial da qual seus antepassados estavam inseridos e ela mesma está em constante processo de violência, fazendo com que permaneça presa numa condição que a coloca em lugar de subalternidade e processo constante de atualização do trauma:

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. [...] Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembra a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EVARISTO, 2003, p.18)

O emaranhado composto pelo entrelaçamento entre tempos faz do romance uma narrativa de idas e vindas, revelando o caráter cíclico e a continuidade de estruturas que permanecem atravessando as vivências de todas as personagens da história. Ponciá Vicêncio, em diversos momentos da narrativa, mergulha em seus pensamentos e desconecta-se do tempo presente: “Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto **ia e vinha no tempo** cá dentro de seu recordar” (EVARISTO, 2003, p. 48, grifos meus), o que se mostra como sendo um processo de padecimento emocional profundo que vai se agravando ao longo do desenvolvimento da história, resultado de vários processos de traumáticos devido às múltiplas violências que sofre em sua vida.

Abrigando-se em seu silêncio, a personagem vagueia entre as suas memórias, fazendo do tempo da narrativa uma construção não linear, de modo a se confundir com a própria condição mental e emocional da protagonista, que flutua entre as lembranças e deslembranças, entre presença e estado de alheamento. Ponciá Vicêncio vive presa num emaranhado de memórias que compõem um nó deixado pela colonialidade, vivendo num tempo onde o passado não passa e não pode ser apartado da realidade presente em que vive a personagem:

Depois de andar algumas horas, **Ponciá Vicêncio** teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no **tempo passado e presente** de um sofrimento antigo. Bisaram a cena de pequenos, crianças que, com

a enxada na mão, ajudavam a lavrar a terra. (EVARISTO, 2003, p. 42-43, grifos meus)

Embaralhar tempos e vozes narrativas é um recurso estético utilizado por Saidiya Hartman, intelectual estadunidense, em sua fabulação crítica, que se aproxima nesse sentido da escrevivência evaristiana, pois são aparatos conceituais e metodológicos que dialogam no intuito de misturar e (re)combinar o real e a ficção para (re)contar uma história. Assim como a escrevivência se estabelece como aparato teórico e metodológico que articula passado, presente e futuro assentada na experiência negra, a fabulação crítica, apresenta-se como método de criação literária que possibilita a recombinação de tempos em articulação com o passado e com a História:

O método que guia essa prática de escrita é melhor descrito como fabulação crítica. [...] Jogando com os elementos básicos da história e rearranjando-os, re-apresentando a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa, eu tentei comprometer o status do evento, deslocar o relato preestabelecido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito. [...] **O resultado desse método é uma “narrativa recombinante”, que “enlaça os fios” de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro**, recontando a história da garota e narrando o tempo da escravidão como o nosso presente. (HARTMAN, 2021, p. 121-2, grifos meus).

A fabulação crítica nos ajuda a pensar na possibilidade de contar histórias a partir da relação entre a ficção e arquivos históricos. Elaborar o passado solicita que se estabeleça um diálogo com a História e a memória. Assim como a escrevivência se estabelece como aparato teórico e metodológico que articula passado, presente e futuro assentada na experiência negra, a fabulação crítica, apresenta-se como método de criação literária que possibilita a recombinação de tempos em articulação com o passado e com a História.

Em seu projeto literário, Conceição Evaristo empenha-se em construir uma elaboração ficcional marcando experiências e subjetividades, apontando sem pudores que, apesar de seu exercício literário da escrevivência seja pautada em experiência vividas, sua produção literária é também ficcional, a invenção se configura como um traço intencional de sua escrita, uma característica estética da escrevivência como metodologia de escrita e aparato conceitual que atravessa todo o projeto literário da autora. A invenção, ou a criação de novas possibilidades, emerge no romance Ponciá Vicêncio a partir da gestualidade da protagonista, que através da arte com o barro, cria elabora o passado traumático remanescente da escravidão e possibilita o reencontro com a sua subjetividade.

Ponciá Vicêncio é uma personagem que vive apartada de si e de sua subjetividade, vilipendiada pelos processos de violência dos quais vivencia, deixa de falar e vive a mudez, recolhida no silêncio. Sabe-se sobre a personagem a partir da voz narrativa, entretanto, ela mesma tece poucas palavras, vivendo o silêncio como abrigo e estratégia de sobrevivência diante das múltiplas violências sofridas. A personagem carrega em seu corpo uma herança que a conecta com a sua ancestralidade e a movimenta por uma busca por compreender a sua própria existência e a existência coletiva de seu povo.

Sabemos da personagem também pelos movimentos de seu corpo, que pela memória que carrega consigo, fala pedindo barro, como um chamado de sua ancestralidade: "A mão continuava coçando e sangrando entre os dedos. Nesses momentos, ela sentia uma saudade imensa de trabalhar com o barro." (EVARISTO, 2003, p. 69). O barro é um elemento imagético que semantiza o texto, matéria prima da arte produzida pela personagem, com quem aprendeu com a mãe e a conectava com seu povo e sua terra de origem, podendo ser considerado um elemento de conexão com a ancestralidade da personagem.

A memória do corpo de Ponciá Vicêncio, que a faz repetir a gestualidade do avô e pelos movimentos na manipulação do barro, mostram que a gestualidade da personagem é de um corpo que carrega uma sabedoria e uma memória. É através da gestualidade do corpo com a arte com o barro, que Ponciá conecta-se com a sua ancestralidade e recompõem a sua subjetividade, fazendo revelar o mistério da herança deixada pelo avô, que compreendida, permite que a personagem busque sua cura através da arte. Com as suas escritas do corpo e suas palavras-gestos, Ponciá Vicêncio traça uma rota com movimentos de cura em busca de sua ancestralidade, elaborando o processo de trauma do qual está inserida, desfazendo o nó deixado pela colonialidade através dos gestos e dos movimentos do seu corpo:

Desfiava fios retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotó, ora com **as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva.** Todo cuidado Ponciá punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como **buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo.** (EVARISTO, 2003, p.110, grifos meus)

É pela memória do corpo, articulada em sua herança e do corpo que pede o barro para manipular a massa como se estivesse moldando a própria vida, Ponciá consegue fazer um movimento de mudança, romper com a estrutura que a violentava, com o vazio que a preenchia, consegue sair do estado de alheamento emocional que a apartava do tempo presente.

Tecer narrativas sobre o passado, como faz Conceição Evaristo no romance Ponciá Vicêncio, aponta para o entendimento de que as nossas histórias presentes ainda estão atreladas às dos nossos antepassados, como um passado que ainda não passou, evidencia o estado de fragilidade imposto às vidas negras pela violência colonial que é permanente e sistematicamente atualizada pelo racismo. Restituir a dignidade, daqueles que não puderam contar suas próprias histórias, ainda que numa dimensão da elaboração ficcional dessas histórias, é um esforço em desatar o nó que o passado nos deixou.

Ponto em Verso: o bordado como escrita do corpo e os movimentos de cura

Os movimentos do corpo que abarcam as epistemes que nele habitam, as memórias ali guardadas, as escritas do gesto, que convocam o corpo em movimento para acontecer, para serem compartilhadas, transmitidas e apreendidas, são conhecimentos incorporados como as criações com o barro e a cerâmica da personagem Ponciá Vicêncio. São escrevivências compreendidas no âmbito da gestualidade, assim como os bordados feitos à mão produzidos durante as rodas de bordado e mediação de livros do Ponto em Verso³, projeto de mediação de literatura que desenvolvo com grupos em instituições culturais e bibliotecas de São Paulo, proponho aproximações entre a literatura negra feminina e a arte têxtil, através da técnica manual do bordado à mão.

Neste projeto, busco investigar as gestualidades do corpo empregadas na manualidade do bordado à mão como um processo criativo, que através do gesto, juntamente com o ato coletivo de bordar em grupo, permite a compreensão das próprias potencialidades, além da elaboração de processos traumáticos derivados de violências relacionadas à experiência de gênero e de raça. A escrevivência, nesse contexto, emerge como uma metodologia de escrita compreendida a partir do gestual, como ferramenta metodológica de escrita no âmbito da corporeidade, onde o bordado à mão se configura como uma escrita do corpo, que se inscreve através do gesto e da memória, utilizando o tecido como suporte para narrativas, onde cada movimento, impregnado da subjetividade de cada pessoa, vai possibilitar a produção artística como ampliação de horizontes dessas subjetividades.

Cada gesto empregado na tessitura de um bordado, quando interpretado através da escrevivência, sendo essa, por sua vez, compreendida como uma episteme que reside também no gestual, traz consigo todo o repertório de vivências e "memória da pele", ou seja, a memória carregada pelo corpo que gesticula, a memória que está adensada ao movimento do

³ Para conhecer mais sobre esse projeto, acesse o link: [Ponto em Verso.pdf](#)

corpo, retomando uma reflexão que a escritora Conceição Evaristo elabora em sua dissertação de mestrado, dando indícios e já trazendo ideias incipientes sobre a escrevivência: "Pela memória da pele, inscreve-se, inscre-Vi-vendo-se um corpo-sujeito que busca seu próprio pertencimento, que se observa como dono de si próprio." (EVARISTO, 1996, p. 89).

Portanto, observa-se que a escrevivência relaciona-se de modo íntimo com a busca pelo próprio pertencimento citado pela autora. O movimento empreendido pela personagem Ponciá Vicêncio, na trama fictícia que recebe o seu nome, é um movimento de busca pela compreensão de si e de sua história no empenho do refazimento de sua subjetividade e encontro com a sua ancestralidade. Ponciá enveredou através dos movimentos do corpo, na manipulação com o barro, traçando uma rota de cura de sua subjetividade fraturada por um ciclo contínuo de violências.

Compreendida como um conhecimento também do campo da corporeidade, para além das letras escritas, a escrevivência pode ser aplicada também às manualidades têxteis como o bordado à mão. Cada pessoa que, dedica-se ao fazer manual do bordado, carrega consigo, em seu corpo, em seus movimentos, a memória de seu corpo, articula-se com cada experiência individual vivida, sendo atravessadas também, por experiências individuais e coletivas de gênero, raça, classe, experiências históricas, etc, que marcam a subjetividade de cada pessoa e são traduzidas nas potencialidades da criação artística a partir gestual.

Desse modo, através dos movimentos do corpo empreendidos no fazer manual do bordado, são modos de refazimento de subjetividades, processos elaborativos de traumas e violências vividas, realizadas através do gestual. A arte, para Ponciá Vicêncio, surge como um movimento de cura e possibilidade de recomposição do seu passado, é o que Saidiya Hartman vai chamar de um ato de "imaginação radical" (HARTMAN, 2022, p. 5) e está diretamente relacionado à possibilidade de vida:

"Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as duas faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir." (EVARISTO, 2003, p 110-111, grifos meus).

Os bordados do projeto Ponto em Verso e o trabalho com barro de Ponciá Vicêncio são modos de inscrição ativa das gestualidades e dos conhecimentos incorporados que habitam os movimentos do corpo, que através das palavras-gestos possibilitam movimentos de cura, elaboração de processos traumáticos, articulação feminina de empoderamento e

reconexão com as suas subjetividades, são escrevivências gestualizadas que apontam para um rota de cura.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2019. **“As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético”**. In: OLIVA, Anderson Ribeiro; MARONA, Marjorie Corrêa; FILICE, Renísia Cristina Garcia (orgs.). Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal. São Paulo: Autêntica. pp. 23-35.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** / Patricia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. Ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (ORG.). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. **Da Grafia-Desenho De Minha Mãe, Um Dos Lugares De Nascimento De Minha Escrita**. In: Representações Performativas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces. ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. **"Literatura Negra: Uma Poética Da Nossa Afro-Brasilidade"**. Dissertação de Mestrado PUC/RJ, Departamento de Letras, 1996.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. In: **Pensamento negro radical**. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2021.

_____. **Uma nota sobre o método.** In: Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SILVA, Assunção de Maria Sousa. **Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado.** In: DEALTRY, G.; LEMOS, M.; CHIARELLI, S. (eds). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 73-83.